

Mário Gastão Cipriano Netto

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

A dança como experiência metafísica da duração

Seja aquilo que a história da filosofia constituiu como razão ou o que os estudos da psicologia chamaram “eu”, a experiência com o mundo acontece com o corpo. A pesquisa se debruça sobre corpo numa perspectiva bergsoniana da imagem movente e investiga as implicações da tendência platônica da percepção humana em nossa experiência com o tempo. Orientada por um corpo em estado de dança, um sujeito vivo e em relação com o mundo, apresenta um novelo de memórias e expõe um corpo em transformação na experiência com o universo: ele cresce e envelhece na medida em que conserva as experiências do movimento de sua própria existência. Esse corpo se expande identificando a exigência de apoios fixos no espaço ao funcionamento do mecanismo perceptivo humano, investiga sua decorrência na construção da noção de tempo e concebe a experiência humana com o tempo um acontecimento social. Diversos eventos do processo de construção da noção de tempo se destacam e não são considerados somente em sua perspectiva social e histórica, como marcam a habilidade de nossa espécie em especializar a relação com o tempo. Na intenção de experimentar o tempo na própria mobilidade, o conceito de duração desenvolvido por Henri Bergson apresenta a experiência vertiginosa da fluidez do tempo que se desprende de qualquer exigência espacial e nos provoca uma agitação que nos mobiliza em determinada direção e, simultaneamente, se coloca como obstáculo para nosso movimento. Sensibilizado pela força estética da arte, a dança mobiliza o corpo em diversos níveis: do social ao sensível, do anatômico ao histórico. Instalada num estado de iminência de ser, no limiar entre o que já se foi e a própria possibilidade de vir a ser, ela se consome num estado de derivação indefinido que expõe outra coisa senão o próprio movimento da existência.
